

Espantalho

Straw man

A falácia do espantalho é a tentativa de reconstrução do argumento oponente de forma diferente, mais fraca e não representativa da intenção original do argumentador. Em outras palavras, transforma-se o argumento original em um “espantalho” feito de palha e mais fácil de “pegar fogo”. Essa versão reconstruída é em geral facilmente criticável e o oponente usa disso para seu proveito. É importante notar que existe uma diferença entre o Espantalho e o Red Herring (veja mais adiante). Neste último, *desvia-se* o assunto para outro lado. No espantalho, o oponente critica *o seu próprio entendimento* do argumento, e não aquilo que foi colocado originalmente por nós.



“A nova lei da Previdência deve ser aprovada por causa disto ... e disto ... e disto ... “

“Deve ser óbvio concluir que a nova lei da Previdência Social nunca irá conseguir a utopia de prover assistência médica perfeita a todos da noite para o dia. Por isso, devemos rejeitar a proposta em discussão”

Esse argumento é um Espantalho, pois descaracterizou o argumento original (não apresentado aqui) transformando-o em algo mais fácil de ser criticado: a utopia de obter benefícios perfeitos para todos. Ao atacar esta última idéia, se estaria cometendo a falácia Straw Man.

João: “Eu acho que o capitalismo é bom porque ele incentiva as pessoas a trabalhar e a poupar”

José: “Você acha que capitalismo é bom porque diz que a riqueza vem à mão de quem trabalha, mas isso é claramente falso, já que muitas pessoas ricas simplesmente herdaram suas fortunas sem nunca trabalhar, por isso o capitalismo é um fracasso”

José acabou de construir um Espantalho, pois transformou o argumento de João na idéia de que herdeiros conseguem riquezas sem trabalhar e isso seria, na sua visão, um demérito do sistema capitalista capaz de aniquilar todas as outras vantagens. Mas José nada disse sobre o que João *realmente* argumentou, a idéia de que o capitalismo incentiva o *trabalho* e a *poupança*.

“Pai, você pode me comprar um Audi A4?”

“Filho, sinto muito, mas não tenho dinheiro para isso”

“Mãe, papai não quer me comprar um carro”

O filho desviou de assunto, afinal comprar um Audi A4 é muito diferente de “comprar um carro”.

Maria: “De acordo com as projeções estatísticas que apresentei, se não construirmos esta hidrelétrica no prazo de dez anos, não será possível atender à demanda crescente de energia elétrica de nosso país”

Sônia: “Você não se importa com a vida animal e a vegetal que serão perdidas com a represa, nem com as pessoas que terão de se mudar de suas fazendas por causa da inundação da área”

A resposta de Sônia tem um “gostinho” de Ad Hominem, pois acusa sua oponente de ser insensível aos efeitos colaterais que a hidrelétrica provocará. Mas ela também está *adulterando* a idéia proposta por Maria, que se vale de tendências de consumo de energia para projetar uma situação de calamidade futura. É necessário avaliar se a situação de racionamento de energia seria muito pior do que a desapropriação provocada pela hidrelétrica. Uma forma razoável de Sônia contra-argumentar seria apresentar dados — ou seja, evidências — que mostrem um benefício inferior do que o “preço” pago pela inundação e remoção dos moradores da área. Outra forma adequada de atacar o argumento de Maria seria demonstrar a inaceitabilidade de suas premissas apresentando, por exemplo, evidências em contrário ou problemas nas estatísticas usadas.

Red Herring

Falácia da diversão
Missing the point
Ignoratio Elenchi
Conclusão irrelevante

O Red Herring [red her-
ring] é a introdução de
material irrelevante ao
ponto em discussão, em
geral com o objetivo de
desviar o argumento para
outra conclusão, muitas
vezes mais fácil de ser
combatida. Note que isto
é relativamente diferente
do que ocorre com o Es-
pantalho, no qual o argu-
mento é deformado (en-
fraquecido) para depois
ser atacado.

“Você pode dizer que a
pena de morte é inefi-
caz para combater o
crime. Mas e quanto às
vítimas do crime? Co-
mo você acha que fi-
cam os familiares do vitimado, sabendo que aquele que o assassinou
está sendo mantido em uma prisão às custas do dinheiro dos contri-
buíntes, ou seja, dos próprios familiares da vítima? *É justo que esses
familiares paguem pelo sustento desse marginal?*”

herring

Herring é um tipo de arenque (manjuba) que quando defumado apresenta coloração marrom-avermelhada e cheiro intenso. Em resumo, é um peixe colorido e fedido. É usado para desviar os cães de caça, no “esporte” de caça à raposa, como é hábito entre os britânicos. Herring também é usado por fugitivos de prisões (pelo menos das inglesas...) para distrair os cães que os perseguem. Daí vem o nome da falácia, que consiste em desviar a atenção para outro tópico, diferente do que está sendo proposto no argumento. Só para aproveitar a situação, quando escrevi no parágrafo anterior “esporte” entre aspas deixei de certa forma aparente minha desaprovação por esse tipo de esporte que envolve a matança gratuita de um animal silvestre. Dessa forma, expressei uma opinião, o que neste contexto é válido. Mas se eu estivesse argumentando com alguém, ao fazer isso eu estaria cometendo a falácia do Acento Impróprio — eu estaria pré-julgando o tema não através de argumentos, mas sim através da forma como escrevi a frase. A pior forma de uso desse tipo de construção seria se eu estivesse reconstruindo o argumento de um oponente para exposição ao público, pois fazendo assim estaria influenciando os ouvintes a desconsiderarem os reais pontos sólidos que o argumento (eventualmente) pudesse ter.

Neste exemplo de Red Herring, o argumentador utiliza-se de um sutil desvio de assunto até chegar a algo que é irrelevante, além de diferente da alegação inicial. Não é correto usar essa distorção para atacar o argumento original. Essa versão falsa do argumento pode, inclusive, *ser aceitável para o oponente*. Mas esse desvio deixa sem resposta a questão original.

“Não acho que homens e mulheres devam ganhar o mesmo salário por funções iguais. Sou contra a igualdade entre os sexos. Em um shopping center, imagine o que aconteceria se

os banheiros fossem unissex: tanto homens quanto mulheres se sentiriam desconfortáveis. Você não acha que tenho razão?”

“A discussão da proibição de fumantes em ambientes fechados não é oportuna. Todos nós desejamos melhorar a qualidade do ar que respiramos, mas não é justo que se faça isso com os fumantes se há coisas mais graves a atacar. A poluição do ar de nossa cidade é muito mais grave por causa dos automóveis que nela circulam. Seria muito mais importante concentrarmos nossos esforços no estabelecimento de mecanismos de redução da poluição de veículos automotores”.

O argumentador expôs um caso até mesmo relevante: devemos nos preocupar com a poluição automobilística. Mas isto *nada tem a ver* com a restrição do fumo em ambientes fechados, algo justificável por si só. Por isso, o argumento acima é um Red Herring, pois apela para a poluição automobilística para desviar a atenção do ponto central da questão.

O Red Herring também tem relação com a falácia *Ignoratio Elenchi* (ignorância da refutação), embora este termo possa ser usado para englobar outras falácias informais (apelo à pena, emoção, autoridade, etc). Em todos esses casos, usa-se um recurso inconveniente para desviar a atenção do suporte correto que a conclusão deveria ter.

Ad Logicam

Falácia da falácia

Esta falácia propõe que uma conclusão é falsa só porque foi anteriormente apresentada como resultado de um argumento falacioso. Se o argumento anterior foi falacioso, ainda assim *não* podemos deduzir *que a sua conclusão é falsa*: ela pode ser suportada por *um outro* argumento, mais bem sucedido.

Pedro: “Simplifico a fração $16 / 64$ desta forma: Corto o seis do numerador com o seis do denominador e fico com $1 / 4$ “

Mário: “Epa! Está errado! Você não pode cortar o seis em cima e em baixo”

Pedro: “O que? Você está querendo me dizer que $16 / 64$ não é igual a $1 / 4$?”

Pedro cometeu, em sua primeira frase, um erro ao simplificar o seis em cima e em baixo. Mário alertou para o erro. Entretanto, ao falar isso, Mário teria que “provar” o seu contra-argumento, ou seja, ele teria que providenciar *suporte* para sua alegação de que a operação feita por Pedro é *incorreta*. Ele faria isto, por exemplo, mostrando que $168 / 16$ não é igual a $18 / 1$.

A falácia Ad Logicam está sendo cometida por Pedro em sua última intervenção, pois embora sua simplificação seja incorreta, o resultado final por ele obtido está — por coincidência — correto. Observe que, neste caso, se Mário não pudesse providenciar suporte para sua alegação, poderia perder o debate, pois nesse momento o encargo da prova mudaria de mãos. Como vimos, o encargo da prova fica sempre na mão de quem está *alegando* algo, e nesse momento foi Mário quem alegou que Pedro estava errado.

Non Sequitur

Não há implicação

Este tipo de falácia é um dos casos mais engraçados, pois representa em geral argumentos que têm um certo “cheiro de insanidade” ou, no mínimo, uma desculpa esfarrapada. O Non Sequitur ocorre quando não há conexão lógica entre as premissas e a conclusão. Todo argumento precisa que as premissas levem-nos a crer na veracidade da conclusão. Os argumentos que cometem o Non Sequitur falham nesse sentido. Pode até ser que a conclusão seja verdadeira, mas *não foi por causa* das premissas utilizadas.

“Como os Egípcios fizeram muitas escavações para construir suas pirâmides, devemos concluir que eram exímios paleontólogos”

“Nosso país irá prosperar, porque Deus é brasileiro”

Este caso é ligeiramente mais complexo:

“A inteligência inata dos brasileiros é claramente maior agora do que há quarenta anos, já que durante esse período nosso índice de alfabetização de adultos cresceu muito, devido a programas como o Mobral”

Inteligência inata é aquilo que *nasce* com o indivíduo, dependendo apenas de seu material genético. De que forma o Mobral poderia influenciar geneticamente os brasileiros?

“Se Capitu não traiu Bentinho, então Machado de Assis é José de Alencar”

Dalton Trevisan, sobre polêmica acerca de *Dom Casmurro* (Stycer 1996)

A frase acima é um claro Non Sequitur, embora possa ter certo efeito ridicularizador em uma exposição que pretenda investigar a real situação da personagem Capitu no romance de Machado de Assis. Note, entretanto, que não tem a menor validade como argumento.

“Protegendo os macacos, estaremos protegendo a nós mesmos, porque eles são os animais mais próximos do homem”

Brigitte Bardot, durante ECO-92 (Stycer 1996)

Para ser um pouco irônico, há como argumentar que, se isso for verdade, devemos iniciar prontamente a proteção dos ácaros, pois eles são mais próximos ainda do homem. Temos que defender os outros animais, mas não através de argumentos como esse. Recentemente, Brigitte Bardot voltou à carga, usando novamente um Non Sequitur para defender suas posições:

“Comer carne de cachorro é como comer humanos”⁴⁶

O Non Sequitur é também uma das falácias preferidas dos políticos (talvez só perdendo para os Ad Hominems):

“As entranhas do poder nunca são bonitas quando expostas”
Eduardo Jorge Caldas Pereira, sobre as acusações de que teria articulado a liberação de verbas para a obra do TRT⁴⁷

Exagerando um pouco

Se você ainda não entendeu o Non Sequitur, aposto que com este exemplo vai entender:

“Gatos gostam de leite, portanto David Hume foi um importante filósofo britânico”

Gatos gostam realmente de leite. David Hume foi, sim, um importante filósofo britânico. Mas o que tem um a ver com o outro? Non Sequitur!